

Pentecostais arrecadam dinheiro com índios

ARICIPOLA

Enviado especial a Dourados

Três igrejas pentecostais, que construíram cinco templos dentro da reserva indígena de Dourados (MS), conseguem arrecadar como dízimo pelo menos Cr\$ 1,2 milhão por mês dos 600 fiéis indígenas. Esse cálculo foi feito pelo cacique Airton de Oliveira, um ex-pastor pentecostal que pregava na reserva.

“Não sou contra nenhuma religião, mas sei da exploração dos pentecostais”, disse o cacique. Ele afirmou ainda que os dirigentes e cooperadores (cargo semelhantes aos de pastores) pentecostais cobram mensalmente, no mínimo, Cr\$ 2 mil por cada índio que frequenta os cultos. “Já so-

mos miseráveis e isso não pode continuar.” Dos sete pastores pentecostais que trabalham na aldeia, cinco são índios.

A *Folha* acompanhou um culto na noite de domingo, realizado pelo dirigente Luciano Aravelo de Oliveira, 38, índio kaiowá. Após duas horas e meia de orações, a mulher do dirigente pentecostal abriu uma bíblia e circulou entre os cerca de 50 índios presentes ao culto, que depositaram dinheiro no livro.

O dízimo é 10% da renda de cada um dos fiéis, segundo Oliveira. “Ninguém é obrigado a dar dinheiro para estar entre nós com Jesus. Se o índio ganha Cr\$ 1 mil em um mês, ele só dá Cr\$ 100 para ajudar nós a pagarmos o gás do lampião, por exemplo.”

“Quem está aqui, está com Deus, hoje não bebe mais, e guarda dinheiro para comprar um quilo de sal e açúcar para a família”, disse Oliveira. Depois perguntou: “Não é meus irmãos?”. A resposta foi: “Aleluia meu Deus”.

A Missão Kaiowá, integrada pelas igrejas presbiterianas norte-americanas, do Brasil e Independente mantêm um hospital indígena. “Nós buscamos doentes e temos entre outras atividades administrar o maior hospital indígena. Lutamos para acabar com o alcoolismo”, disse o pastor presbiteriano independente Benedito Troquez, 60. O hospital da missão kaiowá, controlado pelos presbiterianos tem cem leitos, dos quais 50 são reservados a índios

com tuberculose. O hospital é mantido por entidades privadas e por convênios assinados com o Inamps e com a própria Funai, segundo o pastor. O dirigentes pentecostais culpam os índios católicos pelo alcoolismo.

A Missão Kaiowá executou até 1983, junto com a Funai, projetos que viabilizaram o aumento da produção agrícola na reserva. A igreja católica está presente na reserva através do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Não possui templo na aldeia. “Fazemos o trabalho de organização dos índios. Mas há grupos evangelizadores que só pensam em levar os aldeados para os cultos”, disse Aquiles Baulus, 32, missionário do Cimi em Dourados.